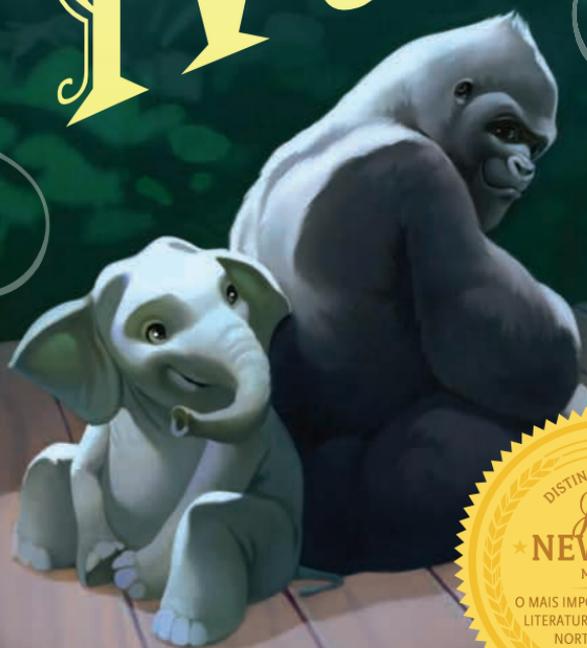


Katherine Applegate

0.  
único e  
incomparável  
Ivan



*Para a Julia*

«Nunca é demasiado tarde para nos  
tornarmos o que poderíamos ter sido.»  
— George Eliot

## *glossário*

**pancadas no peito:** batidas repetidas no peito com uma ou ambas as mãos para produzir um som forte (por vezes, usadas pelos gorilas como forma de ameaça, para intimidar um adversário).

**domínios:** territórios.

**o «Grunhido»:** resfôlego, semelhante ao de um porco, produzido pelos pais gorilas para expressar aborrecimento.

**«bola-de-mim»:** excrementos secos atirados aos observadores.

**9855 dias** (contagem-exemplo): embora os gorilas que vivem em liberdade meçam habitualmente a passagem do tempo com base nas estações do ano ou na disponibilidade dos alimentos, Ivan adotou uma contagem de dias (9855 dias equivale a 27 anos).

**Não-Cola:** gorila de peluche.

**gorila de dorso prateado** (também chamado, com menos frequência, de chefe cinzento): macho adulto com mais de 2 anos de idade e uma zona de pelo prateado no dorso. O gorila de dorso prateado é uma figura de autoridade, responsável pela proteção da sua família.

«**chimpanzé pegajoso**» (calão; sentido pejorativo): um ser humano («pegajoso» refere-se ao suor na pele despida de pelo).

«**liantar**»: brincadeira descontraída (referência ao ato de balançar em lianas).

*olá*

Sou o Ivan. Sou um gorila.

Não é tão fácil como parece.



*nomes*

Chamam-me o «Gorila da Autoestrada». O «Símio da Saída 8». O «Único e Incomparável Ivan», o «Poderoso Gorila de Dorso Prateado».

Os nomes são meus, mas não definem quem sou. Sou o Ivan, apenas o Ivan, só o Ivan.

Os seres humanos desperdiçam as palavras. Largam-nas como cascas de banana e deixam-nas a apodrecer.

Toda a gente sabe que as cascas são a melhor parte.

Suponho que pensam que os gorilas não conseguem compreender-vos. Claro, provavelmente também pensam que não conseguimos caminhar erguidos.

Experimentem caminhar uma hora sobre os nós dos dedos das mãos. Agora digam-me: Qual das técnicas é mais divertida?

## *paciência*

Com o passar dos anos aprendi a compreender as palavras humanas, mas compreender a fala não é o mesmo que compreender os humanos.

Os humanos falam demasiado. Tagarelam como chimpanzés, enchendo o mundo com o seu ruído, mesmo quando não têm nada para dizer.

Demorei algum tempo a reconhecer todos esses sons dos humanos a tecer as palavras em conceitos. Mas fui paciente.

É útil sermos pacientes quando somos símios.

Os gorilas são pacientes como pedras. Os humanos nem tanto.

*o meu aspeto*

Eu costumava ser um gorila selvagem e ainda mantenho essa aparência.

Tenho o olhar tímido e o sorriso matreiro de um gorila. O meu pelo tem uma zona da cor da neve, o uniforme do gorila de dorso prateado. Quando o sol me aquece as costas, projeto a sombra majestosa de um gorila.

No meu tamanho, os humanos vêm um teste a si mesmos. Ouvem apelos à guerra no vento, quando eu só estou a pensar que o Sol do fim de dia me faz lembrar uma nectarina madura.

Sou mais poderoso do que qualquer humano, quase 200 quilos de força pura. O meu corpo parece ter sido feito para a batalha. Os meus braços, estendidos, erguem-se mais alto do que os braços do maior dos humanos.

A minha árvore genealógica também tem um longo alcance. Sou um grande primata e vocês são grandes

primatas também, bem como os chimpanzés, os orangotangos e os bonobos, todos nós parentes afastados e desconfiados.

Sei que isto é incómodo.

Também me custa a acreditar que existe uma ligação no tempo e no espaço entre mim e uma raça de «palhaços mal-educados».

Chimpanzés. Nada justifica a existência deles.

*o Centro Comercial e Salão  
de Jogos Grande Circo da Saída 8*

Vivo num habitat humano chamado Centro Comercial e Salão de Jogos Grande Circo da Saída 8. Estamos convenientemente situados junto da autoestrada I-95, com espetáculos às 14, 16 e 19 horas, 7 dias por semana, 365 dias por ano.

É o que diz o Mack quando atende o telefone estri-dente.

O Mack trabalha aqui no centro comercial. É o chefe.

Eu também trabalho aqui. Sou o gorila.

No Centro Comercial Grande Circo, um carrossel gira todo o dia ao som de uma música rangente, e os macacos e papagaios vivem no meio dos lojistas. No meio do centro comercial há uma pista com bancos, onde os humanos podem apoiar os traseiros enquanto comem pretzels moles. O chão está coberto de serradura feita de árvores mortas.

Os meus domínios ficam num dos extremos da pista. Vivo aqui, porque sou demasiado gorila e não sou suficientemente humano.

Os domínios da Stella ficam ao lado dos meus. A Stella é um elefante. Ela e o Bob, que é um cão, são os meus melhores amigos.

Atualmente, não tenho amigos gorilas.

Os meus domínios são feitos de vidro espesso e de metal enferrujado e cimento áspero. Os domínios da Stella são feitos de barras de metal. Os domínios do urso-malaio são de madeira; os do papagaio são de rede de arame.

Três das minhas paredes são de vidro. Uma delas está estalada, e no canto inferior falta um pedaço pequeno, mais ou menos do tamanho da minha mão. Fiz o buraco com um taco de basebol que o Mack me deu pelo meu sexto aniversário. Depois disso, ele tirou-me o taco, mas deixou-me ficar com a bola de basebol que vinha com ele.

Numa das paredes dos meus domínios está pintada a imagem de uma selva. Tem uma catarata sem água e árvores

sem raízes. Não a pintei, mas gosto da maneira como as formas fluem através da parede, ainda que não seja uma grande selva.

Tenho sorte por os meus domínios terem três paredes de vidro. Consigo ver o centro comercial inteiro e um pouco do mundo para além dele: as máquinas de pinball frenéticas, as nuvens cor de rosa de algodão-doce, o parque de estacionamento vasto e sem árvores.

Para lá do parque, há uma autoestrada onde os carros passam incessantemente. Um letreiro gigante numa das bermas convida-os a parar e a repousar como gazelas num charco.

O letreiro está esbatido, as cores já se desvaneceram, mas eu sei o que diz. Uma vez, o Mack leu-me em voz alta as palavras: «CENTRO COMERCIAL DA SAÍDA 8, HABITAT DO ÚNICO E INCOMPARÁVEL IVAN, PODEROSO GORILA DE DORSO PRATEADO!»

Infelizmente eu não sei ler, embora gostasse de saber. Ler histórias seria uma excelente forma de preencher as minhas horas vagas.

No entanto, uma vez consegui desfrutar de um livro deixado nos meus domínios por um dos meus tratadores.

Sabia a térmitas.

O placard na autoestrada tem um desenho do Mack com a sua roupa de palhaço, um da Stella apoiada sobre as patas traseiras e um desenho de um animal furioso com olhar feroz e pelo desgrenhado.



Esse animal pretende representar-me, mas o artista cometeu um erro. Nunca me enfureço.

A fúria é preciosa. Um gorila de dorso prateado usa a fúria para manter a ordem e para avisar o seu clã do perigo. Quando o meu pai batia no peito, era para dizer: *Atenção, ouçam, eu estou no comando. Estou zangado para vos proteger, porque nasci para o fazer.*

Aqui, nos meus domínios, não há ninguém para proteger.

«O Circo Mais Pequeno do Mundo»

Os meus vizinhos aqui no Centro Comercial Grande Circo conhecem muitos truques. São um grupo instruído, mais talentoso do que eu.

Uma das minhas vizinhas joga basebol, apesar de ser uma galinha. Outro conduz um camião de bombeiros apesar de ser um coelho.

Eu costumava ter uma vizinha, uma foca lustrosa e atenciosa, que conseguia equilibrar uma bola no nariz de manhã até à noite. Tinha uma voz como a do ladrar gutural de um cão preso fora de casa numa noite fria.

As crianças costumavam pedir desejos e atirar moedas para a piscina plástica dela. As moedas brilhavam no fundo como seixos achatados de cobre.

Certo dia, a foca estava com fome, ou talvez estivesse aborrecida, e comeu uma centena de moedas.

O Mack disse que ela ia ficar bem.

Estava enganado.

O Mack chama ao nosso espetáculo «O Circo Mais Pequeno do Mundo». Todos os dias, às 14, 16 e 19 horas, os humanos abanam-se, bebem refrigerantes, aplaudem. Os bebês gritam. O Mack, vestido de palhaço, pedala numa bicicleta minúscula. Um cão chamado Snickers anda montado na Stella. A Stella senta-se num banquinho.

É um banquinho muito resistente.

Eu não faço truques. O Mack diz que me basta ser como sou.

A Stella contou-me que há circos que vão de cidade em cidade. Têm humanos que se balançam em cordas penduradas na parte de cima das tendas. Têm leões que rugem e que têm dentes brilhantes, e uma fileira ondulante de elefantes, cada um a agarrar na cauda do elefante da frente. Os elefantes olham para longe, para não verem os humanos que querem vê-los.

O nosso circo não migra. Ficamos onde estamos, como um velho animal, demasiado cansado para continuar a caminhar.

Depois do nosso espetáculo, os humanos vasculham nas lojas. Uma loja é um sítio onde os humanos compram as coisas de que precisam para sobreviver. No Centro Comercial Grande Circo, algumas lojas vendem coisas novas, coisas como balões e t-shirts e bonés para tapar as cabeças luzidias dos humanos. Outras vendem coisas velhas, coisas que cheiram a mofo e a humidade, há muito esquecidas.

Passo o dia inteiro a ver os humanos a correrem de loja em loja. Passam os seus retângulos de papel verde, secos como folhas velhas e a cheirar a mil mãos, para trás e para a frente e novamente para trás.

Buscam freneticamente, com passos pesados, empurrando e resmungando. Depois vão embora, com sacos cheios de coisas — coisas brilhantes, coisas moles, coisas grandes —, mas por mais cheios que os sacos estejam, eles voltam sempre à procura de mais.

Os humanos são realmente espertos. Fazem nuvens cor de rosa que se podem comer. Constroem domínios com cataratas planas.

Mas são péssimos caçadores.

## *desaparecer*

Alguns animais têm uma vida privada, que não está sujeita ao escrutínio dos outros, mas a minha vida não é assim.

A minha vida é feita de luzes a piscar, dedos apontados para mim e visitantes sem convite. A poucos centímetros, os humanos colam as suas mãozitas à parede de vidro que nos separa.

O vidro significa que eles são uma coisa e nós somos outra, e que as coisas serão sempre assim.

Os humanos deixam para trás as suas dedadas, pegajosas por causa do açúcar, húmidas do suor. Todas as noites, um homem cansado vem limpá-las.

Às vezes, encosto o nariz ao vidro. A marca do meu nariz, tal como as vossas impressões digitais, é única e sem par.

O homem limpa o vidro e eu desapareço.

*artistas*

Aqui nos meus domínios não tenho muito para fazer. Há um limite para a quantidade de «bolas-de-mim» que podemos atirar aos humanos antes de nos aborrecermos.

Uma «bola-de-mim» faz-se enrolando esterco até este ficar com o tamanho de uma maçã pequena, e depois deixando-o secar. Tenho sempre algumas à mão.

Por algum motivo, os meus visitantes nunca parecem trazer nenhuma.

Nos meus domínios, tenho um baloiço feito de um pneu velho, uma bola de basebol, uma pequena piscina plástica cheia de água suja e até um velho televisor.

Também tenho um gorila de peluche. A Julia, a filha do homem que limpa o centro comercial todas as noites, deu-mo.

O gorila tem um olhar vazio e membros flácidos, mas durmo com ele todas as noites. Chamo-lhe Não-Cola.

Cola era o nome da minha irmã gémea.

A Julia tem 10 anos. Tem cabelos que parecem de vidro preto, e um sorriso grande, em forma de meia-lua. Eu e ela temos muito em comum. Ambos somos grandes primatas e ambos somos artistas.

Foi ela quem me deu o meu primeiro lápis de cera, um muito gasto e azul, que enfiou pelo bocado partido do meu vidro com um papel dobrado.

Eu sabia o que fazer com ele. Já tinha visto a Julia desenhar. Quando arrastei o lápis de cera pelo papel, este deixou um rasto como uma serpente azul.

Os desenhos da Julia têm muita cor e movimento. Ela desenha coisas que não são reais: nuvens que sorriem e carros que nadam. Desenha até os lápis de cera se partirem e o papel se rasgar. Os desenhos dela são como fragmentos de um sonho.

Não sei desenhar imagens oníricas. Nunca me lembro dos meus sonhos, embora acorde ocasionalmente com os punhos cerrados e o coração a bater muito depressa, mas não sei dizer porquê.

Os meus desenhos parecem pálidos e tímidos em comparação com os da Julia. Ela desenha as ideias que tem na cabeça. Eu desenho as coisas que há na minha jaula, coisas simples que preenchem os meus dias: um caroço de maçã, uma casca de banana, um papel de rebuçado. (Frequentemente, como as coisas antes de as desenhar.)

Mas embora desenhe as mesmas coisas repetidamente, nunca me aborreço da minha arte. Quando estou a desenhar, não penso em mais nada. Não penso no sítio onde estou, no dia de ontem nem no de amanhã. Simplesmente, deslizo os lápis de cera pela folha de papel.

Os humanos nem sempre reconhecem o que desenhei. Semicerram os olhos, inclinam a cabeça, murmuram. Eu desenho uma banana, perfeitamente adorável, e eles dizem: «É um avião amarelo!» ou «É um pato sem asas!»

Não faz mal. Não desenho para eles. Desenho para mim.

O Mack percebeu rapidamente que as pessoas estavam dispostas a pagar por um desenho feito por um gorila, mesmo sem saberem o que é. Agora desenho todos

os dias. As minhas obras são vendidas por 20 dólares cada (25 com moldura) na loja de recordações perto dos meus domínios.

Se me canso e preciso de uma pausa, como os meus lápis de cera.



## *formas nas nuvens*

Acho que sempre fui um artista.

Mesmo quando era bebê, ainda agarrado à minha mãe, tinha sensibilidade artística. Via formas nas nuvens e esculturas nas pedras derrubadas no fundo de um riacho. Era atraído pelas cores... a flor carmesim mesmo fora do meu alcance, o pássaro cor de ébano que passou a voar.

Não me lembro de muito dos primeiros tempos da minha vida, mas lembro-me disto: sempre que tinha a oportunidade, mergulhava os dedos em lama fresca e usava as costas da minha mãe como tela.

Era muito paciente, a minha mãe.

## *imaginação*

Um dia espero conseguir pintar como a Julia, imaginando mundos que ainda não existem.

Sei o que pensa a maioria dos humanos, que os gorilas não têm imaginação. Que não recordamos o passado e não ponderamos o nosso futuro.

Agora que penso nisso, suponho que têm razão. Na maior parte do tempo penso no que existe, não no que poderia existir.

Aprendi a não esperar demasiado.

*o gorila mais solitário do mundo*

Quando o Centro Comercial Grande Circo foi construído, cheirava a tinta fresca e a feno, e os humanos vinham visitar-nos de manhã até à noite. Passavam pelos meus domínios como troncos a flutuar num rio tranquilo.

Ultimamente, passam dias sem que tenhamos um único visitante. O Mack diz que está preocupado. Que já não sou fofinho. Diz:

— Ivan, perdeste a tua magia, velho amigo. Costumavas ser um sucesso.

É verdade que alguns dos meus visitantes não se demoram como antigamente. Olham pelo vidro, estalam a língua, franzem o sobrolho enquanto eu vejo televisão.

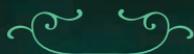
— Parece solitário — comentam.

Há pouco tempo, um rapazinho pôs-se em frente ao meu vidro, com lágrimas a correrem-lhe pelas faces suaves e coradas.

— Deve ser o gorila mais solitário do mundo — disse, apertando com força a mão da mãe.

Em alturas como esta, desejo que os humanos conseguissem compreender-me como eu os compreendo.

Apeteceu-me dizer ao rapazinho: «Não é assim tão mau. Com o tempo, habituamo-nos a tudo.»



Chamam-me «O Único e Incomparável Ivan».  
Os nomes são meus, mas não definem quem sou.  
Sou o Ivan, apenas o Ivan, só o Ivan.



O Ivan é um gorila descontraído. Vive há largos anos no Centro Comercial junto à Saída 8 da autoestrada e já se habituou aos humanos que, diariamente, o fitam do lado de lá das paredes de vidro que o rodeiam. Raramente sente saudades da vida que levava na selva. Na verdade, são raras as vezes em que recorda esses tempos. Em vez disso, o Ivan pensa nos programas de TV a que assiste, preocupa-se com a amiga Stella, uma elefante fêmea idosa, e com Bob, um cão vadio que gosta de o visitar.

Mas, sobretudo, o Ivan gosta de pensar nos seus desenhos e na melhor forma de pintar o sabor de uma manga ou o som das folhas, com lápis coloridos e traços perfeitos.

Até ao dia em que conhece a Ruby: uma elefante fêmea bebé que fará com que o Ivan veja o seu lar e a sua arte com outros olhos. A chegada da Ruby proporciona grandes mudanças — e cabe ao Ivan fazer com que as coisas mudem para melhor...



Com personagens apaixonantes e um toque de fantasia, Katherine Applegate criou um clássico intemporal sobre a amizade e a esperança. Uma história inesquecível!



Vê o vídeo de apresentação deste livro.

[www.booksmile.pt](http://www.booksmile.pt)



livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN: 978-989-707-339-7



11+

9 789897 073397

Literatura Juvenil